

Assista o livro, leia o filme... cenas do livro “O esporte vai ao cinema”¹

Andrea Moreno

Compreendo uma resenha, para além da definição usual, como um convite à leitura.

Penso que não conseguiria resenhar/convidar o leitor para um texto que não houvesse, eu mesmo, experimentado o prazer de sua leitura.

Nunca começo a ler um livro imediatamente. Preciso tocar, acariciar, folhear, apreciar seu “jeito”, o tamanho das fontes, as imagens, ler as orelhas, ler sobre os autores, ver quem fez a capa, ler os agradecimentos... Enfim, entro na obra. Esse ritual me permite, ou pelo menos assim me iludo, mergulhar no clima da obra, pôr-me no lugar de quem escreve, reviver com os autores seus momentos de escrita. Neste particular, imaginava os autores assistindo o filme, fazendo anotações, que dariam nos belos artigos que compõem a obra. Torno-me cúmplice. Procuro empaticamente captar o que o autor quis dizer e não o que não disse (procedimento tão usual em resenhas). Um filme/um artigo será sempre o olhar possível daquele presente – e é assim que tento vê-lo/lê-lo.

Existem diversas formas de se fazer uma resenha. Posso ir paulatinamente apresentando os artigos, criticando-os, de forma que o leitor sinta-se convidado pelo conteúdo. Escolho um modo mais arriscado. Este é um livro sobre o esporte no cinema. Mais do que informações ele contém sensações. E é a partir das sensações que me proporcionaram que escolho resenhá-lo.

Experimentei, ao longo da leitura, sentimentos. Li o livro, convidada pelos organizadores, como quem assiste a um filme. Eles recomendam: “*que este livro possa dar ao leitor prazer similar ao que tem quando assiste a um belo filme*”. À medida que passam as páginas o filme vai se compondo. Os artigos são cenas que originam uma história. São oito cenas, cuidadosamente montadas pelo preto das letras no branco do papel.

Começamos pela sensação da forma, textura e das cores. O livro é de um branco alvo delicioso. As letras negras poderiam

¹ Melo, Victor Andrade de Melo e Peres, Fabio de Faria (orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

ser maiores... Decerto seriam mais convidativas. Passo a mão pela textura da capa. As letras do título, do nome do organizador, bem como da forma retangular que aparece nele tem uma textura diferente da imagem-sombra do atleta-sem- rosto que aparece.

Por isso tudo, penso que o livro para além de querer ser uma publicação acadêmica, quer ser cinema. E consegue ser, lembrando Paul Valéry, como o voo de um pássaro: leve e denso.

Relevo o grande desafio de um livro acadêmico cujo tema é o cinema. Falo isso inspirada no conceito de tradução benjaminiano. Uma música quer ser ouvida. Um livro quer ser lido. Um filme quer ser visto. Diferentes universos. No traduzir sensações de um universo para o outro, sempre há perdas. Muitas coisas sobram.

Aproximar a narrativa do cinema à poesia do futebol (ou seria a poesia do cinema à narrativa do futebol?), por exemplo, é um desafio que Carlos G. W. Agostino capta muito bem no filme de Murilo Salles (Todos os Corações do Mundo).

Dizem sempre que a boa literatura, resulta na maioria das vezes em filmes empobrecidos. Esta talvez seja alerta do livro: não é fácil captar o fenômeno esportivo em toda sua plenitude. Imagine então traduzir filmes em textos/debates acadêmicos. Considero que os artigos o fazem bem. Gosto mais, muito mais, e acho que o livro é melhor nos artigos que não se propõem a explicar os filmes, ou a classificá-los, quando são menos informativos. Informações servem para ser descartadas. Como nos lembra Benjamin, só tem valor no momento em que são novas. Vou esquecer muitas informações que li no livro. Mas não esquecerei nunca minhas mãos frias ao ver/ler sobre as cenas de tortura de "Pra frente Brasil". Não esquecerei do trecho das bicicletas do filme/artigo-sobre "A quem pertence o mundo?", na imaginação do alvorecer e do anoitecer no filme de Saura, da emoção que o Canal100 me proporcionava... e de outras passagens maravilhosas dos artigos. O leitor descobrirá outras, porque a narrativa "escolhe" diferentes interlocutores. As cenas que emergem dos artigos, aquelas que nos arrebatam, que nos faz paralisar na "cadeira do cinema", não são as mesmas para todos os leitores. Como bem nos lembra Silvana Goellner no seu artigo, *"esporte cinema e história se entrelaçam provocando no espectador sensações diversas, uma vez que cada um lê, sente e vive o filme a partir daqueles significados que ficaram colados na sua memória; que fizeram e fazem sentido na sua própria história e na história de seu tempo."*

Ver um jogo de futebol permite uma sensação. Ouvir um jogo de futebol com o rádio à orelha, outra. O que dizer das sensações experimentadas pelo torcedor antes da década de 50, onde os jogos eram “vistos” com o ouvido. Ver/ouvir um jogo era com certeza uma experiência diferente do que é hoje com tantas disponibilidades tecnológicas que permitem (re)ver o jogo e que eu pude imaginar lendo o livro que ora resenho.

Por isso escolhi não seguir o caminho clássico das resenhas de apresentar/criticar cada artigo. Assumo dessa forma, o espírito do pessoal do Canal100: vou excluir os momentos de tédio! E sinto muitíssimo que os organizadores de uma obra acadêmica não possam fazê-lo.

Digo ao leitor, então, a partir das minhas sensações, excluindo os momentos de tédio, que o livro é ótimo. Bom porque nos permite sensações. Alguns artigos me agradam mais, outros menos, não quero preveni-lo. Quem nunca saiu do cinema ou assistiu a um filme que adorou, e que comentando com alguém, vê que o mesmo causou sentimentos diferenciados. Penso que um convite à leitura é um convite para permitir sensações diferentes daquelas experimentadas por mim. Deixar espaço para que o leitor escolha as suas.

Penso também que o filme traz, para a área de Educação Física, fontes originais, diferentes para sua historiografia. A História da Educação Física vem sendo contada de diversas maneiras. Usamos e abusamos das fontes oficiais. Estamos assistindo hoje uma tentativa cada vez maior, de trazer/dialogar com outras fontes e isso permite (re)contar, (re)pensar, (re)escrever, (re)dimensionar nossa História. E este livro é mais uma contribuição neste sentido. Ver cinema é também uma forma de repensar a narrativa acadêmica.

O artigo de Victor Mello, os dois por sinal, dão uma grande contribuição para isto. O segundo, para além disso, nos ajuda a ver que as fontes contam a história que quisermos dar a elas. A uso do esporte em diversos e antagônicos sentidos é apenas um exemplo.

Benjamim nos alerta que devemos sempre escovar a história a contrapelo, porque no sentido dos pelos muitas histórias ficam ocultas. É como se estivéssemos comprometidos a contar o “filme” dentro do filme. E é ele também que vai dizer: a história oficial é a história dos vencedores – os mortos não estão tranquilos, ainda que mortos – se o inimigo vencer. E o inimigo

não tem cessado de vencer. Pense que o cinema como fonte para a história – de forma como é mostrado nos artigos – permite contar outras histórias.

É bom sempre lembrar da diversidade do livro: é multidisciplinar a formação dos diferentes autores, é multidisciplinar a abordagem, é multidisciplinar o olhar/enfoque que cada um tem dentro do seu próprio artigo. Isso respeita a própria temática do livro: o esporte não cabe em reducionismos de nenhuma espécie. É um fenômeno complexo, polissêmico. Exemplar é o trecho de Murad: *“o esporte é um evento plural e multifacetado, com traços (não raro concomitantes) de generosidade e violência, de democracia e autoritarismo; igualitário e excludente, muitas das vezes, que denuncia realidades ou as dissimula, que pode conscientizar ou alienar; mágico e profissional. Lúdico. Elegante e bruto. Universal. Local. Exemplo de globalização hegemônica, exemplo de globalização contra-hegemônica. Espaço de manipulação, espaço de resistência. Tensão e interseção. Contraditório. Humano.”*

Gosto também da sensação final do livro. Ele não me “convence”. Lembro-me de Benjamim, para quem o bom narrador não quer convencer. Não saio com nenhuma idéia totalizante sobre esporte e cinema, sobre essa rica relação, tão desafiadora por querer aproximar dois mundos tão diferentes, por vezes contraditórios, porque construídos pelos humanos, mundos que aglutinam e espalham.

Vemos que o esporte e o cinema refletem a cultura, sim, mas também a produzem. O que os torna vivos! Penso também que o livro definitivamente quebra um tabu, ultrapassa pré-conceitos. Não há mais dúvidas que esporte é um tema nobre, e que se não é um tema privilegiado quantitativamente (sobre isso há controvérsias apresentadas ao longo do livro), talvez o motivo principal seja muito mais a dificuldade técnica de captar o fenômeno esportivo em toda sua complexidade. Motivo pelo qual, aprendi no livro, sobretudo com o artigo de Caldeira, que os recursos utilizados pelo cinema tenham sido tão criativos.

Acho que o livro é também um convite para que prestemos atenção às singularidades, à minúcia, às ausências ao subliminar. Nos faz desconfiar das ênfases historiográficas, dos extremismos. Um modo de ler/fazer história menos pelos “tipos ideais”, mais pelos homens comuns. O livro celebra o homem comum. Gosto muito da maneira como Francisco C. T. da Silva fez isso em seu artigo, nos lembrando sempre do homem do cotidiano que sofre com a ditadura. Como

Caldeira ressalta a forma como o Canal queria ir ao encontro dos desejos do espectador comum. Como Silvana Goellner conta a história pela ausência. Ou seja, um filme é também o que ele não conta. O que silencia. O que deixa de fora. A volta por fora do estádio! A possibilidade de achar as “*zonas de sombra*” que não foram projetadas.

Silvana Goellner, a única mulher entre os autores, é quem se propõe a falar de ausência das mulheres no filme que analisa. Para mim, Carruagem de Fogo, será sempre, também, um filme sobre a ausência das mulheres. Como também Garrincha é o filme da ausência do Canal 100. Como também um filme são as suas metáforas: uma corrida de bicicleta pode ser a busca pelo trabalho, nos mostra Victor Mello.

Particularmente, gosto dos artigos que abordam o futebol. Gosto da idéia, afirmadas por eles, do futebol como um elemento da cultura que mais resistiu às divisões maniqueístas, de esquerda/direta, apesar dos usos (e abusos) feitos em nome de um ou outro lado. Hitler sabia do valor do esporte. Mauricio Murad nos mostra que Franco e Mussolini também sabiam. E Victor Mello nos mostra que B. Brecht também sabia. A ditadura no Brasil sabia. Acontece que mais forte era a alegria que o esporte permitia sentir. Todos os tipos de manipuladores sabem disso. E colam no esporte. Porque querem dele usufruir, querem dele a sensação de vitória que permitem: sabem, bem nos mostra o artigo de Warneck Agostino, as emoções que atingem “*todos os corações do mundo*”.

E se resta alguma dúvida sobre o esporte como um tema alienado, essa dúvida definitivamente acaba com a leitura do texto de Victor Mello. “*Kuhle Wampe*” é um filme onde o esporte é uma estratégia de tomada de consciência, contradizendo muitos discursos intelectuais. Não só o esporte, como a festa, tema cada vez mais recorrente no campo do lazer, “*a festa também é um modo para não esquecermos a luta*”. O esporte é resistência, não no sentido “clássico”, mas no sentido subliminar. O esporte educa, o cinema educa. O sentido que queremos dar a essa “*educação*” depende de nós.

O esporte, como produto cultural, reflete e produz o tempo vivido. Essa é uma de suas riquezas, mimetizar nossas relações de vida, que o torna capaz de ser elemento de identificação nacional. Um jogo que o brasileiro recria, “*enlouquecendo*” o jogo apolíneo dos ingleses.² Um jogo mágico, imprevisível, que desconcerta, que desa-

2 Ricardo LUCENA estudando o esporte na cidade lembra do futebol adotado por pobres e negros no Brasil que “*possibilitou a incorporação de um “q” de dança dionisíaca – mais irracional – que enriqueceu (ou seria melhor dizer “enlouqueceu”) o jogo apolíneo dos ingleses*”. (LUCENA, R. *O esporte na cidade*. Campinas, Ed. Autores Associados, 2001)

fia a lógica, as leis físicas. Jogo que não cabe nas explicações lógicas, mecanicistas, cientificistas. Jogo que não cabe na retidão nazista, na lógica americana, nos postulados da ciência. Nesse aspecto, vale destacar Garrincha. Garrincha é o anti-herói. Um atleta que, pelas explicações da lógica da ciência, jamais seria um jogador de futebol. Mais uma vez, o futebol escapa às lógicas.

Por que a derrota incomoda tanto? Que sentimento é esse que não se resume ao placar? Que prazer é esse experimentado pela vitória? A essa altura o que o livro me mostra é a confirmação, daquilo que para mim já era convicto de que, o esporte merece múltiplos olhares em que a narrativa cinematográfica é apenas um deles. No caso do cinema, que magia é essa que, apesar de conscientes da ficção, conscientes que é luz projetada, que é história contada, nos emocionamos, choramos, nos incomodamos.

Um bom livro é também aquele que deixa espaços para imaginar. Em duas passagens especificamente, abre-se a possibilidade para uma análise da “linguagem” no futebol. Carlos Werneck Agostino nos conta que a seleção da África do Sul vai ser chamada de Bakana Bakana, que significa, numa das línguas do país, garotos. E me lembrei do futebol alegre jogado pelo continente africano, do futebol moleque, que não à toa nomeia sua seleção de Bakana.

Victor Mello e Fábio Peres, uma obra é uma forma de eternizar o tema. Imobilizar o tempo. O esforço, aliado à sensibilidade, de organizar um livro como esse, por si só merece crédito. Vocês fazem isso e presenteiam o leitor com emoções. “Pegam o gol”, no sentido dado pelo texto de Caldeira, falando do pessoal do Canal 100.

A esta altura, finalizando, espero que a leitura desta resenha tenha levado o leitor para o fogão preparar a pipoca.

Recebido em: 13/09/2004
Aprovado em: 01/11/2004

Andréa Moreno
Rua Serafim Pinto, 96/101
Viçosa - Minas Gerais - 36570-000.
e-mail: amoreno@ufv.br
